

VISUALIDADES CAMPONESAS: UM ENSAIO VISUAL SOBRE O CUIDAR E O IMAGINAR

Leandro de Souza Silva¹

Resumo: O chão marcado por sulcos feitos pela enxada sugere o cuidado e a imaginação camponesa no trabalho com a terra. Inspirado pela lida no campo, este ensaio visual propõe apresentar parte da vida e do que emerge do cotidiano rural. O conjunto de imagens deriva de uma investigação de doutorado realizada no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ) entre 2020 e 2025. Em forma de *still*, é consequência de vídeos partilhados por um dos assentados e participante da investigação, cuja voz, gestos e imagens revelam técnicas, poéticas e práticas laborais que evidenciam o conhecimento e a inteligência do trabalhador. Sua contribuição é um fragmento das inúmeras imagens que compõem a pesquisa, empreendida a partir de uma metodologia participativa e em diálogo com estudos da Cultura Visual, do Ensino e das Espacialidades. Desse modo, a convivência com assentadas e assentados da reforma agrária permitiu elaborar o conceito de *visualidades camponesas*, as quais, enquanto ações estético-educativas, brotam da vida no campo, anunciam sonhos e denunciam desigualdades. Nessa trilha, a sequência de imagens integra os resultados da investigação e, além disso, afirma uma *práxis* visual popular e apropriada do campo como território de formação e reexistência. Elas sugerem entendimentos da fatura sobre o chão do assentamento enquanto ação poética, estética e educativa. Assim, o ensaio desafia olhares hegemônicos sobre o rural e propõe uma visualidade comprometida com a valorização da cultura camponesa, a justiça social e a dignidade da vida.

Palavras-chave: Visualidades camponesas; Ações estético-educativas; Assentamento Zumbi dos Palmares (RJ); Luta pela terra.

¹Leandro de Souza Silva é artista/professor/pesquisador, doutor em Ciências, Tecnologia e Inclusão (PGCTIn), pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com estágio doutoral na Faculdade de Belas-Artes (FBAUL), da Universidade de Lisboa (ULisboa), mestre em Artes (PPGArtes/UERJ), especialista em Ensino da Arte (UVA) e licenciado em Artes Visuais (UNIGRANRIO). Docente no Departamento de Artes Visuais (DAV), do Colégio Pedro II (CPII). Este trabalho de investigação foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6140-9681>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8820452756046719>. E-mail: souzaleandro@id.uff.br

PEASANT VISUALITIES: BETWEEN CARING AND IMAGINING

Abstract: The ground marked by furrows made by the hoe suggests the care and imagination of peasants working with the land. Inspired by rural labor, this visual essay presents fragments of life and what emerges from rural daily life. The set of images stems from a doctoral research project carried out in the Zumbi dos Palmares settlement (RJ) between 2019 and 2025. Presented in still form, it is the result of videos shared by one of the settlers and participant in the research, whose voice, gestures and images reveal techniques, poetics, gestures and work practices that evidence the knowledge and intelligence of the worker. His contribution is one fragment among many that make up the research, which was developed through a participatory methodology and dialogues with studies of Visual Culture, Teaching and Spatialities. Living with agrarian reform settlers enabled the elaboration of the concept of peasant visualities, understood as aesthetic and educational actions, spring from life in the countryside, announce dreams and denounce inequalities. The sequence of images participates thus integrates the investigation and, in addition, affirms a popular visual praxis, rooted in the countryside as a territory of formation and reexistence. They suggest understandings of the settlement's ground as a poetic, aesthetic and educational action. The essay challenges hegemonic gazes upon rurality and proposes a visuality committed to valuing peasant culture, the social justice and the dignity of life.

Keywords: Peasant visualities; Aesthetic and educational actions; Zumbi dos Palmares settlement (RJ); Agrarian struggle.

*Esse aqui é o arado. Um arado de três discos. [...] A gente tomba a terra com ele para plantar as coisas. [...] Para fazer o plantio tem que tombar a terra primeiro, preparar a terra. [...] Tem a grade niveladora, [...] para nivelar a terra. E esse aqui é o cultivador, [...] é para cultivar cana. [...] eu, **do meu modo**, eu tiro quatro e só deixo duas dessas enxadinhas [...] **foi ideia minha**. Serve para sulcar, para plantar cereais.*

(Madeira Pau Peroba, 2023, em entrevista para o autor - grifo nosso)

No chão marcado por sulcos feitos pela enxada, vejo o anúncio de uma imagem. Ela inspira cuidado e trabalho com a terra. Essa imagem é luta. É reexistência. É imaginação da vida. E as mãos que semeiam nessa terra são as mesmas que desenham linhas no chão e, como o assentado afirma na epígrafe, é ao seu modo que suas ideias se efetivam no presente um futuro possível.

Nessa trilha, o presente ensaio visual deriva da investigação de doutorado ocorrida entre 2020 e 2025 (Silva, 2025), que teve como campo o assentamento Zumbi dos Palmares, na região norte do estado do Rio de Janeiro. Desde o final dos anos 1990, o território é fruto da luta pela terra e por direitos no contexto da reforma agrária popular brasileira (MST, 2007) e aponta possibilidades de uma vida digna, justa e menos desigual.

As imagens e depoimentos que compõem o trabalho foram coletados por meio de uma metodologia participativa, cuja convivência com assentadas e assentados possibilitou observar, identificar e analisar as visualidades que compõem os cotidianos do assentamento. Em meio à convivência que reforça a autenticidade e a perspectiva interna e particular de cada participante da investigação, trabalho aqui apresentado se constituiu no diálogo e se inscreve em uma generosa partilha de conhecimentos sobre a vida no campo.

Nesse sentido, o processo de criação deste ensaio se iniciou a partir de registros em vídeo protagonizados pelo assentado e trabalhador rural Madeira Pau Peroba, no contexto de sua prática agrícola cotidiana. A escolha de seu pseudônimo faz referência à natureza e se dá em cumprimento aos parâmetros éticos de pesquisas com seres humanos. Os vídeos compõem o material

coletado no âmbito da investigação de doutorado e contaram com a colaboração do assentado Bambu Amarelo, que auxiliou na captura das imagens. A gravação inspirou minha seleção, edição em *stills* e a organização conceitual do ensaio.

Em consonância com a perspectiva metodológica participativa, esta proposta tem sua gênese no modo colaborativo vivenciado entre a contribuição dos assentados e o meu recorte enquanto pesquisador. Ou seja, a opção por este formato possibilitou ampliar alcance do vídeo criado, resultando em imagens que se organizam em uma sequência cuja poética visual considera o conhecimento, a inteligência e a sabedoria de quem viver da terra e pela terra.

Nessa direção, ao interrelacionar as dimensões estético-educativas do cuidar e do imaginar elaboradas na tese, apresento aqui fabulações e reflexões visuais em diálogo com um dos participantes do trabalho. Tais dimensões operam modos de ensinar, aprender e resistir por meio da sensibilidade, do pensamento crítico e da imaginação. Isso significa dizer que as visualidades não apenas ilustram essas dimensões, mas são constituídas por elas.

Por isso, o que chamo de visualidades camponesas (Silva, 2025), brota da vida no campo e emerge do assentamento de modo plural e dinâmico. Essas visualidades acolhem um conjunto de propriedades, relações e fenômenos de ordem estética, educativa, política e inclusiva. Por seu turno, são acontecimentos sensíveis que anunciam desejos, denunciam desigualdades e imaginam mundos possíveis, fazendo visualizar o que Mirzoeff (2006; 2018) chama de campo de disputas de narrativas.

Em meio à práxis visual cotidiana camponesa exposta neste ensaio, as dinâmicas do trabalho na terra e com a terra inspiram miradas sobre o campo. Como aprofundo na tese, penso tal práxis como enlace entre o pensar e o agir em uma perspectiva freireana (Freire, 1983; 2014), problematizando olhares possivelmente hegemônicos sobre o rural. Por isso, evocar o cuidar e o imaginar, enquanto dimensões estético-educativas diz respeito ao contorno formativo intrínseco às visualidades camponesas, justamente aquelas que ocorrem longe das luzes dos grandes centros urbanos. No caso das imagens aqui partilhadas, o movimento e a voz apontam evidências do conhecimento, da inteligência e do

pensamento camponeses, bem como da natureza de suas técnicas e de seus impactos na transformação do espaço.

Ao articular gesto e espaço, a proposição visual ensina sobre o arado, a grade e a sulcadora. Em forma de *still* dos vídeos compartilhados pelo assentado, cuja identificação remete à natureza e preserva sua identidade na pesquisa, a sequência configura-se como prelúdio da paisagem ou do alimento – resultado do esforço e do trabalho no espaço rural. A vida do trabalhador revela uma visualidade insurgente, rebelde (Silva; Queiroz, 2025). Por meio de um conjunto de imagens que dialoga com a ideia de cuidado com a terra, expõe a própria história de luta do assentamento. Ademais, as rotinas de plantio e colheita que o ensaio visual anuncia, se distanciam das formas de uso extrativista dos recursos naturais ali disponíveis, afirmando o *reexistir* como possibilidade. E assim, afirma uma práxis visual popular e apropriada do campo como território de formação e reexistência.

Com efeito, a sequência evidencia o cuidado e a imaginação do trabalhador rural, à guisa de esperança, que projeta uma vida melhor enquanto ele trabalha e se move entre os sulcos na terra. Por isso, o ensaio não se resume às dinâmicas de trabalho na terra ou com a terra, mas esboça entendimentos dessa fatura sobre o chão do assentamento enquanto ação poética, estética e educativa. Finalmente, este ensaio desafia olhares hegemônicos sobre o rural e propõe uma visualidade comprometida com a valorização da cultura camponesa, a justiça social e a dignidade da vida.





Título: Visualidades camponesas: entre o cuidar e o imaginar
Autoria: Madeira Pau Peroba, assentado, 2023
Técnica: *Still* de vídeo
Seleção e edição de stills: Leandro de Souza Silva

Fonte: Madeira Pau Peroba, assentado, 2023

Referências

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

Mirzoeff, Nicholas. On Visuality. **Journal of Visual Culture**, 5, n. 1, p. 53-79, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1470412906062285>.

Mirzoeff, Nicholas. **A ‘teoria’ não são só palavras numa página, mas também coisas que se fazem**. 2018. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-teoria-nao-sao-so-palavras-numa-pagina-mas-tambem-coisas-que-se-fazem-entrevista-com-n>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Assentamento Zumbi dos Palmares completa 10 anos**. 2007. Disponível em: <https://mst.org.br/2007/04/10/assentamento-zumbi-dos-palmares-completa-10-anos/>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

Pau Peroba, Madeira. Entrevista concedida a Leandro de Souza Silva, Assentamento Zumbi dos Palmares (RJ), 2023. In: Silva, Leandro de Souza. **Caminhando entre sulcos na terra: sobre o que ensinam as visualidades camponesas no Assentamento Zumbi dos Palmares – RJ**. Tese (Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

Silva, Leandro de Souza. **Caminhando entre sulcos na terra: visualidades camponesas enquanto ações estético-educativas no assentamento Zumbi dos Palmares (RJ)**. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão – PGCTIn) - Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2025. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/39827>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Silva, Leandro de Souza; Queiroz, Paulo Pires de. Rebeldias visuais: visualidades camponesas como ação estético-educativa. **Revista Educação em Foco**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2025.

Recebido: 28/05/2025

Aceito: 20/08/2025